

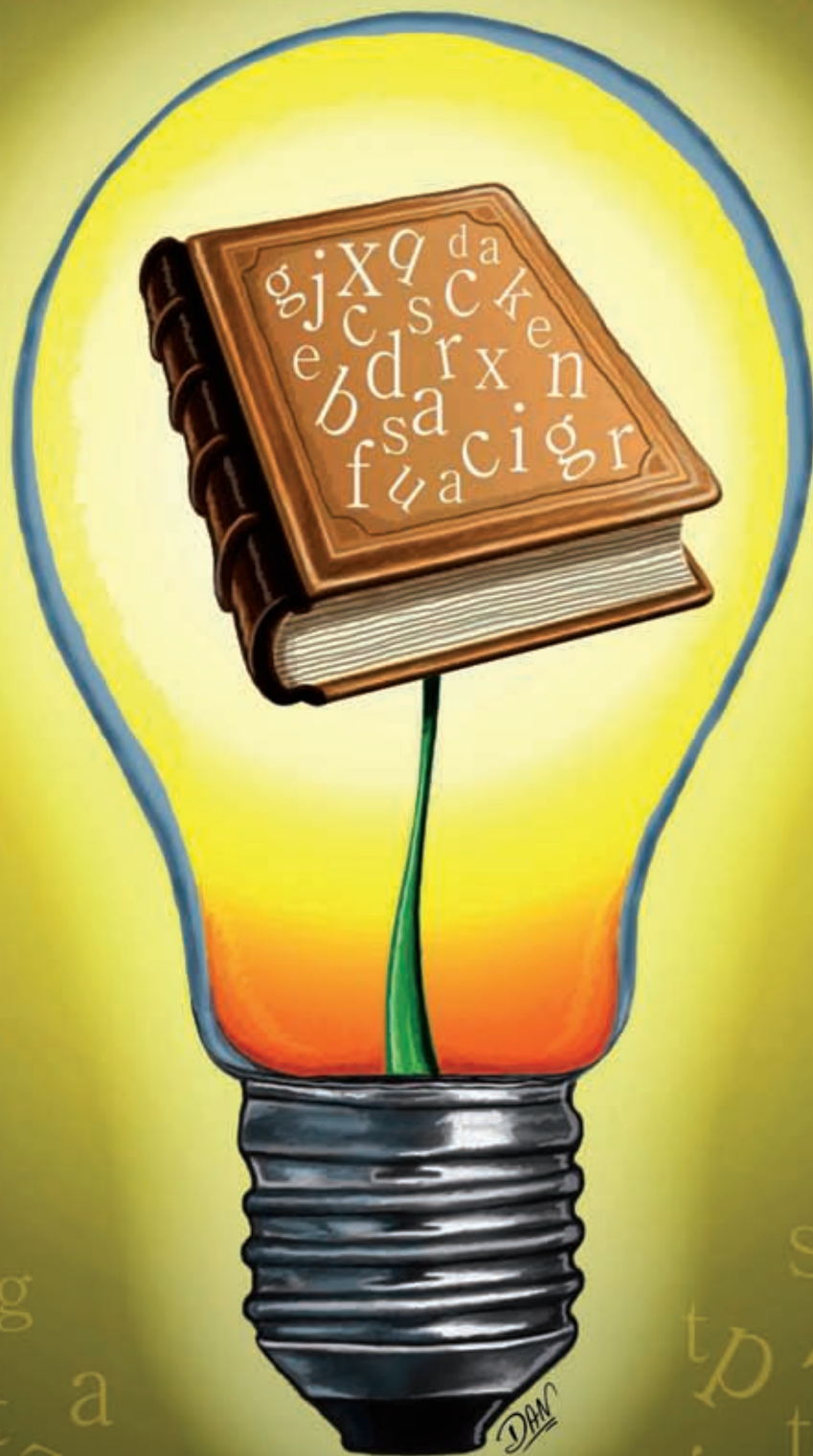
# O Prelo

EDIÇÃO ESPECIAL  
PARA A



XVII  
BIENAL  
DO LIVRO  
RIO

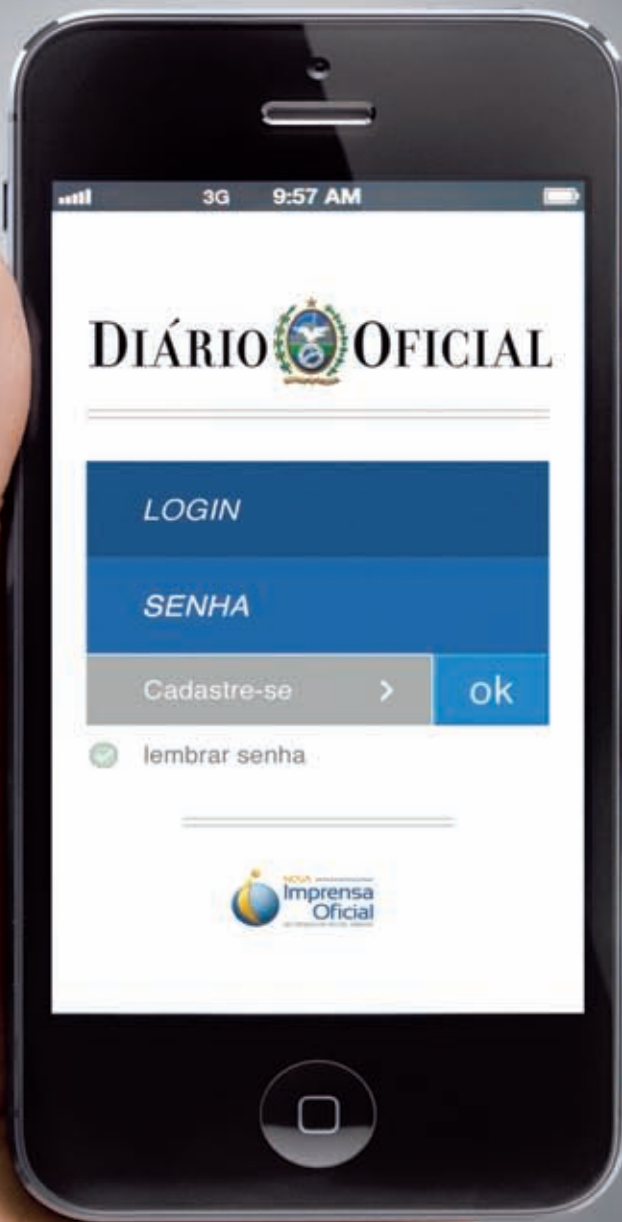
RIO DE JANEIRO-SETEMBRO/2015



**JOVENS ESCRITORES AQUECEM LITERATURA • O QUE O BRASIL IMPÉRIO DANÇOU • PAPEL X SUSTENTABILIDADE: UMA RELAÇÃO QUE DÁ CERTO • FUTEBOL É PAIXÃO ENTRE OS IMORTAIS DA ABL • O ENCONTRO PERFEITO DO CINEMA COM A LITERATURA • OS TESOUROS DA BIBLIOTECA DA ABL**



UMA NOTÍCIA QUE VAI FAZER  
O SEU CELULAR VIBRAR:  
SIGA VOCÊ MESMO NA  
INTERNET!



**NOVO APLICATIVO DO DIÁRIO OFICIAL DO RIO DE JANEIRO.  
SE É OFICIAL, ESTÁ AQUI.**

Com o aplicativo do Diário Oficial, você fica por dentro de todas as publicações legais a seu respeito. Se você espera uma aprovação em concurso ou vestibular público, ou quando você se forma, seu smartphone recebe uma notificação imediata cada vez que seu nome, ou CPF, for publicado. Você pode utilizar, também, para acompanhar processos do início ao fim e saber sobre recursos, audiências e todas as atualizações. É a Imprensa Oficial trazendo mais agilidade e transparência para você.



Baixe o aplicativo em [www.imprensaoficial.rj.gov.br/aplicativo](http://www.imprensaoficial.rj.gov.br/aplicativo)



Luiz Fernando de Souza  
GOVERNADOR

Francisco Dornelles  
VICE-GOVERNADOR

Leonardo da Cunha e Silva Espíndola Dias  
SECRETÁRIO DE ESTADO CHEFE DA CASA CIVIL



Haroldo Zager Faria Tinoco  
Diretor-Presidente

Valéria Maria Souto Meira Salgado  
Diretora Administrativa

Walter Freitas Netto  
Diretor Financeiro

Jorge Narciso Peres  
Diretor Industrial

Rua Prof. Heitor Carrilho, 81  
Centro - Niterói - RJ - CEP 24030-230  
Telefone: 2717-4141 PABX

[www.imprensaoficial.rj.gov.br](http://www.imprensaoficial.rj.gov.br)

**o Prelo** ANO XII

Revista de Cultura da Imprensa  
Oficial do Estado do Rio de Janeiro

Rua Prof. Heitor Carrilho, 81  
Centro - Niterói - RJ - CEP 24030-230  
Assessoria de Comunicação Social - ASCOP  
Tels: (21) 2717-4682

Endereço eletrônico:  
[assessoriadecomunicacao@imprensaoficial.rj.gov.br](mailto:assessoriadecomunicacao@imprensaoficial.rj.gov.br)

Editado pela Assessoria de  
Comunicação Social da Imprensa Oficial

Assessora de Comunicação:  
Luana Soares

Estagiários:  
Camila Araújo  
Gabryella Mendes  
Janaína Medeiros  
Laura Alonso  
Laura Miranda  
Magno Navarro

Programação Visual:  
Angela Duque  
Luis Fernando da Silva Reis

Revisão:  
Assessoria de Comunicação Social  
da Imprensa Oficial

Capa:  
Arte da Capa por Dan

IMPRESSA NO PARQUE GRÁFICO DA  
IMPRESSA OFICIAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

## NESTA EDIÇÃO

Olá, leitor!

Nesta edição da revista O Prelo, fizemos uma versão mais do que especial. Para acompanhar a 17ª Bienal do Livro Rio, corremos atrás de matérias sobre literatura, educação, cinema, história e tantos outros assuntos que se encaixam perfeitamente com este evento literário.

Aproveite a leitura!  
Equipe O Prelo



### JOVENS ESCRITORES

4 Conheça a nova geração que está inovando a literatura brasileira

### A INVASÃO FRANCESA NO BRASIL

8 A história do pirata Du Clerc e a tentativa de invadir a colônia portuguesa

### #STREETARTRIO

12 Iniciativa mapeia as cores e formas da arte urbana na cidade do Rio de Janeiro



### TWO SIDES

14 Campanha une comunicação impressa e sustentabilidade



### PAIXÃO NACIONAL

18 Arnaldo Niskier conta a relação da Academia Brasileira de Letras com o futebol

### CINEMA & LITERATURA

20 Livros promovem o encontro entre as artes em dois momentos da história do século XX

### A REPÚBLICA CANTADA

22 Obra literária retrata a influência da música urbana na chegada da República



### A BIBLIOTECA DOS IMORTAIS

24 Conheça as Bibliotecas da Academia Brasileira de Letras

AS OPINIÕES EMITIDAS NAS MATÉRIAS SÃO DE RESPONSABILIDADE  
EXCLUSIVA DOS AUTORES

Quando se fala em literatura brasileira, rapidamente nos vem a mente clássicos como Machado de Assis, Carlos Drummond de Andrade e Olavo Bilac. Livros famosos como “A Moreninha” e “Dom Casmurro” certamente dividem (ou já dividiram) as prateleiras com diversos autores britânicos como Agatha Christie, Jane Austen e Oscar Wilde; e norte-americanos como Edgar Allan Poe, F. Scott Fitzgerald e Sidney Sheldon. Isso sem falar nos novos escritores que apareceram e se tornaram recorde de vendas como a J. K. Rowling e sua saga Harry Potter e a Stephenie Meyer com a trilogia “Crepúsculo”. E os novos escritores brasileiros? Talvez, os únicos nacionais em sua lista sejam exatamente os clássicos, muitas vezes comprados na época da escola. Ou então você tenha os “novos clássicos” dos autores Paulo Coelho e Augusto Cury, ambos conhecidos internacionalmente. Mesmo assim não é difícil imaginar que, na sua coleção de livros, existam poucos nomes brasileiros.

Porém, na última década, essa realidade começou a mudar. Novos autores, a maioria jovens, despontaram no cenário atual da literatura brasileira. Thalita Rebouças, considerada uma das precursoras nesse movimento, abriu caminho para uma nova geração. Geração essa que, através de uma nova linguagem, vem atraindo milhares de leitores Brasil a fora.



*Nova geração de escritores traz frescor e inovação para a literatura brasileira*

GABRYELLA MENDES

# OS NOVOS ESCRITORES

Integrante desse novo movimento, Lu Piras sempre gostou de contar e inventar histórias, transformando pessoas reais em personagens de loucas aventuras. Seu primeiro romance – escrito aos 15 anos – contava a história de duas famílias durante a Guerra da Crimeia (conflito ocorrido no século XIX

na península da Crimeia, no Mar Negro) e foi todo escrito em uma máquina de escrever. Apesar do seu amor pela literatura, Lu seguiu outros caminhos antes de se aventurar por completo no mundo literário. “Sou advogada por formação e escritora por vocação. Morei durante sete anos em Portugal, trabalhei



AIMÉE OLIVEIRA

**Sobre:** A designer de moda, nascida em Niterói, 25 anos, começou a se interessar pela leitura através de Harry Potter. Mas foi aos 18 anos, ao ingressar na faculdade, que Aimée resolveu escrever as histórias que passavam na sua cabeça antes de esquecê-las. Depois disso outras histórias vieram e a vontade de preencher folhas com elas nunca passou.

**Livro Publicado:** “Pela Janela Indiscreta”

**Contato:** Facebook: [facebook.com/pelajanelaindiscreta](https://www.facebook.com/pelajanelaindiscreta)



BIANCA CARVALHO

**Sobre:** A tradutora e eterna apaixonada por literatura, Bianca, de 28 anos, sempre transformou tudo em história. Incentivada a ler desde pequena, escreveu seu primeiro livro aos 14 anos. Mas só aos 23, a jovem criou uma história em que realmente acreditou ser publicável. Bianca é uma autora independente.

**Livros Publicados:** “Trilogia das cartas” (Jardim da Escuridão, Versos Sombrios e Sabores Mortais)

**Contato:** Facebook: [facebook.com/paginabiancacarvalho](https://www.facebook.com/paginabiancacarvalho)



BRUNA FONTES

**Sobre:** A professora de inglês e estudante de letras tem 21 anos, nasceu em Niterói e começou a escrever aos doze anos, quando descobriu o universo das fanfics. Depois disso nunca mais parou. Foi uma das vencedoras do Concurso Cultural Publiki Meu Livro 2013, e conseguiu como prêmio o projeto de edição da obra.

**Livro Publicado:** “La La Land – O sonho americano”

**Contato:** Facebook: [facebook.com/lalaland31](https://www.facebook.com/lalaland31)





como jurista, comerciante e artesã de bonecas. Ser escritora nunca foi o meu objetivo, sempre soube das dificuldades de ser artista no Brasil. Mas foi em 2009, quando decidi me matricular no curso de Produção Editorial, que dei o primeiro passo. A verdade é que tentei seguir o caminho mais seguro, mas no fim... deu nisso”, diverte-se.

Ao ser questionada sobre o fato dos leitores estarem mais interessados por autores nacionais, Lu Piras logo credita o feito a nova realidade da literatura brasileira. “O leitor vem se familiarizando com essa literatura contemporânea de entretenimento, comercial, que usa uma linguagem atual e informal em um contexto onde ele consegue se identificar e entrar, mais facilmente, na história. É uma leitura mais leve e, muitas vezes, com mais qualidade do que diversos livros estrangeiros que invadem as livrarias. O preconceito ainda é uma

barreira, mas acredito que esse é só o começo de um Brasil com cada vez mais leitores”.

Essa nova literatura, a qual a Lu Piras se refere, já não traz o clássico ambiente rural ou tropical. Hoje, as histórias se passam em um Brasil urbano e, até mesmo, fora dele. Já não há essa preocupação com a identidade nacional. Nesse sentido, não é difícil perceber que culturas, artistas e autores estrangeiros inspiram muitos desses novos escritores. Prova disso é a estudante de Letras Bruna Fontes, de apenas 21 anos, que publicou o livro “La La Land – O sonho americano”, inspirado na música homônima da cantora norte-americana Demi Lovato. “Desde o início me inspirei na escritora Meg Cabot, que eu gosto muito. Essa influência de um autor estrangeiro foi fundamental para me mostrar que o céu é o limite na hora de escrever. A ideia para o livro acabou vindo em forma de música. Acredito que isso

aconteceu pelo fato dessa ser uma das minhas canções favoritas. No começo, eu ainda ficava muito presa às músicas da Demi para compor a história, principalmente porque a protagonista é o mesmo tipo de artista que ela era na época que comecei a escrever. Mas depois a Roxy (personagem principal da trama) e os outros personagens ganharam vida própria e eu os deixei me guiarem a partir daí”, conta.

Apesar de ter apenas um livro publicado, Bruna escreve desde a adolescência. Tudo começou quando, aos doze anos, descobriu que várias pessoas escreviam histórias para postar na internet. Pouco tempo depois de publicar suas primeiras histórias na internet, a jovem resolveu migrar para as *Fanfics* – abreviação de *fanfiction*, em que fãs recriam a trama de livros do jeito que preferem – e assim permaneceu por anos até decidir compartilhar pedaços de “La La Land”, que ela



#### CAROLINA ESTRELLA

**Sobre:** A jornalista, de 26 anos, começou a sua paixão pelos livros junto com a onda Harry Potter. Ela diz que vive no mundo mágico, mas gosta mesmo é de escrever sobre a realidade dos adolescentes. Foi assim que tomou coragem para escrever seu primeiro livro baseado em fatos “quase” reais.

**Livro Publicado:** “Garota Apaixonada em Apuros”, “Garota Apaixonada em Férias”, “Garota Apaixonada para Sempre” e “Garota Pop.com”

**Contato:** Facebook: [facebook.com/carolestrella](https://www.facebook.com/carolestrella)



#### CLARA SAVELLI

**Sobre:** A analista internacional, de 23 anos, não tem recordações de sua vida sem os livros. Apaixonada por histórias desde sempre, costumava desenhá-las quando ainda não sabia escrever. O livro “Mocassins e All star” foi publicado na extinta rede social Orkut e, através do grande interesse de seus leitores, Clara percebeu que valia a pena publicar sua história.

**Livro Publicado:** “Mocassins e All stars”

**Contato:** Facebook: [facebook.com/mocassinseallstars](https://www.facebook.com/mocassinseallstars)

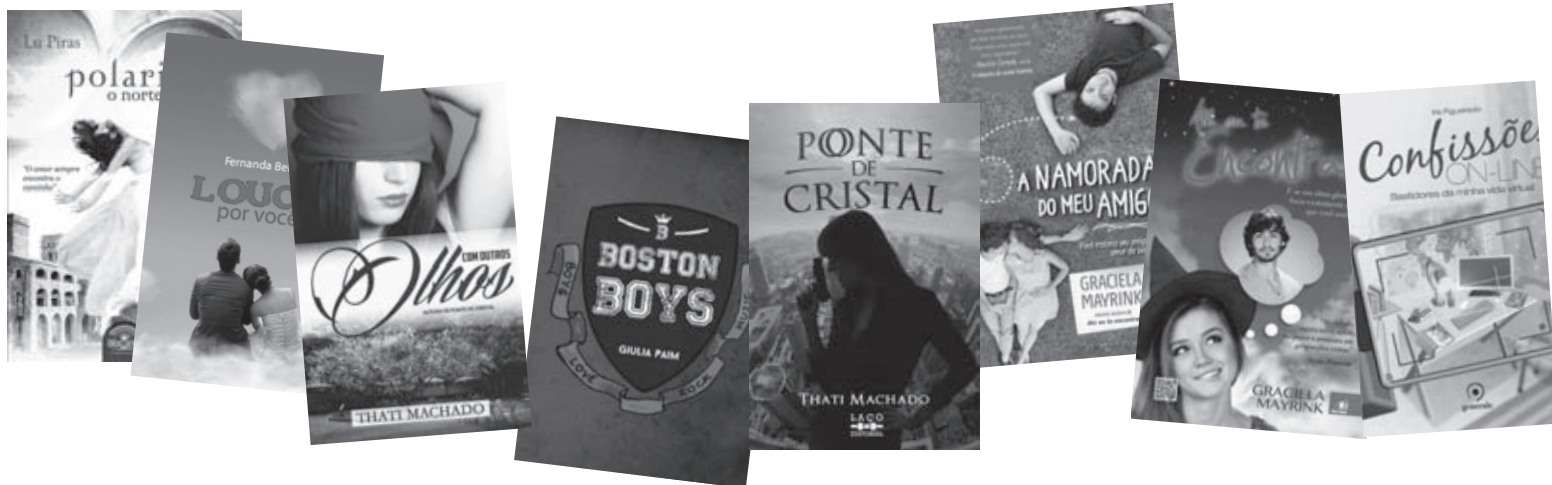


#### FERNANDA BELÉM

**Sobre:** A jornalista, de 32 anos, é apaixonada por livros. Principalmente pela coleção do Sítio do Pica-Pau Amarelo que o avô possuía. Sempre sonhou em ser escritora e, por isso, optou por cursar Jornalismo. Após ser elogiada pela forma da apresentação de sua monografia, decidiu tirar o sonho da gaveta e transformá-lo em realidade.

**Livros Publicados:** “Louca por Você” e “Ah, o Verão”

**Contato:** Facebook: [facebook.com/escritorafernandabelem](https://www.facebook.com/escritorafernandabelem)



nem imaginava que se tornaria um livro. “Comecei a escrever e postar, sem pretensão, mas acabei tendo um retorno maior do que eu esperava nas redes sociais. Foi a primeira história que compartilhei sem ser as *fanfics* e eu queria que fosse perfeita! Minha experiência online foi uma preparação. Comecei a procurar editoras, mas acabei ganhando um concurso literário que incentivava o lançamento de novos autores, e o meu sonho se tornou realidade”.

#### ESTREITANDO LAÇOS

Visando equilibrar o mundo digital com o real, escritores decidiram criar projetos que utilizam a internet como elo para manter contato com seus leitores. Seguindo essa linha, foi criado o grupo “Entre Linhas e Letras”, composto por oito escritoras que tem como meta chegar até o leitor, conquistá-lo e provar que o Brasil é um país de bons leitores, tanto quanto é de

bons escritores. Para o grupo, o objetivo não se limita a estar diante de um computador escrevendo, mas também expor sua obra, através de muita divulgação por todos os meios sociais de que puder dispor. Encontros literários são marcados por meio de redes sociais, onde os leitores podem se sentir íntimos dos autores, comprar seus livros autografados, tirar fotos e, claro, bater muito papo.

Foi com a mesma pretensão que surgiu o Litgirls, um projeto multiplataforma inovador e inédito no Brasil. É mais do que o registro de um momento literário especial, é a forma de estreitar a relação entre as autoras e os leitores e provocar ainda mais compartilhamento sobre literatura nacional pelo celular, tablet, computador, livros, diários, mídias sociais e o que mais vier por aí. O site também busca unir os leitores com suas famílias e professores, ajudando-os a entender porque

essas pessoas são tão apaixonadas por exemplares, autógrafos, eventos e como conseguem virar madrugada compartilhando, rindo e sofrendo junto com as tramas de personagens que nunca serão, mas que amam sentir na pele enquanto houver páginas.

Apassionada por livros, a jovem estudante de Letras, Ivana Machado, admite que sempre preferiu autores estrangeiros, mas que teve uma feliz surpresa ao descobrir essa nova geração da literatura brasileira. “Eu nunca tive curiosidade de comprar livros de autores desconhecidos. Mas um dia, despretensiosamente, acabei pegando emprestado o livro “Equinócio”, da Lu Piras, com a minha prima. Me encantei com a Clara e o Nate! A partir daí, comecei a abrir os olhos para esses novos escritores e, hoje, tenho vários! Faço questão de tuitar e divulgar o trabalho dessa galera tão talentosa. Eles merecem!”, empolga-se Ivana ◻



GIULIA PAIM

**Sobre:** A estudante de publicidade, de 19 anos, sempre foi fascinada pelos livros. Desde pequena fazia contos sobre ida ao zoológico, nascimento do irmão, etc. Começou a escrever suas tramas digitais ao descobrir o WordPad fazendo, literalmente, um arco-íris de histórias, escrevendo cada uma de uma cor. É apaixonada pela cultura oriental, super antenada em tecnologia e adora desafios.

**Livro Publicado:** “Boston Boys”

**Contato:** Facebook: [facebook.com/livrobostonboys](https://www.facebook.com/livrobostonboys)

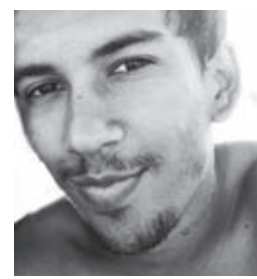


GRACIELA MAYRINK

**Sobre:** A engenheira agrônoma, de 39 anos, escreve desde pequena. Mas nunca pensou em levar a literatura como profissão. Carioca, possui uma forte ligação com Minas Gerais (motivo do enredo do primeiro livro ocorrer em Viçosa), onde cursou a faculdade de Engenharia. Decidiu se arriscar na carreira de escritora ao ceder aos incentivos da sua irmã, uma das suas mais ávidas leitoras.

**Livros Publicados:** “Até eu Encontrar” e “A Namorada do Meu Amigo”

**Contato:** Facebook: [facebook.com/graciellamayrink.official](https://www.facebook.com/graciellamayrink.official)



HUGO RODRIGUES

**Sobre:** O publicitário, de 27 anos, sempre achou utópico o plano de escrever um livro. Mas com a quantidade de pessoas que se interessaram pelo seu trabalho – exposto na internet – ficou difícil não concretizá-lo. Carioca, o jovem diz que aprendeu na marra que ser romântico é não ter pudor com quem se ama.

**Livros Publicados:** “Um Sorriso de Oito Graus na Escala Richter” e “Mulheres Malditas Maravilhas”

**Contato:** Facebook: [facebook.com/fanpagehr](https://www.facebook.com/fanpagehr)



Falando em internet, não é novidade que as novas tecnologias têm facilitado o aumento do número de autores. Com a possibilidade da publicação eletrônica a baixíssimo custo, até mesmo as edições impressas estão mais acessíveis. E, claro: onde há quantidade é mais fácil de se encontrar qualidade. Além disso, os autores estão conquistando seu público antes mesmo de lançarem seus livros. Diferentemente da Bruna Fontes, que usou o apoio dos leitores para se encorajar e procurar editoras, alguns escritores são encontrados. Esse é o caso do Hugo Rodrigues, escritor niteroiense que foi convidado pela Editora Nitpress a publicar seu livro “Um Sorriso de Oito Graus na Escala Richter”. “Fui alertado por várias pessoas que conheceram os textos do Hugo através do seu blog e Facebook. Todos falavam sobre sua qualidade literária e eu decidi pesquisar sobre ele. Fiquei surpreso ao saber que ele morava a apenas uma quadra de distância da editora. Não imaginava que tivesse um bom escritor esperando para ser publicado tão perto de mim. A princípio, tive receio de lançar um escritor jovem e estreante, mas o medo desapareceu quando vi o grande número de seguidores dele, além, naturalmente, de saber que eu estava fazendo uma aposta em um autor talentoso. A Nitpress resolveu fazer um pré-lançamento do livro para esse público do Hugo, com

# A ALIADA DOS NOVOS AUTORES



divulgação exclusiva na internet e o resultado foi muito positivo. Foi um grande encontro!”, conta o editor da Nitpress, Luiz Erthal.

Durante décadas, ir até a livraria, sentir o cheiro tão peculiar que só livros novos têm, folheá-los e decidir, finalmente, qual (ou quais) levar para casa, era uma rotina. Hoje, não necessariamente. Com o surgimento dos *ebooks* – livros eletrônicos – várias pessoas abandonaram os livros impressos e se renderam às obras digitais. Entre as qualidades encontradas nessa nova forma de leitura estão à portabilidade, os preços mais acessíveis e a facilidade de compra. O sucesso dos *ebooks* é tão grande, que foram criados leitores de livros digitais, como o *Kindle* e o *Lev*, para que as pessoas possam guardar todos os seus títulos em um mesmo dispositivo.

Mas apesar da revolução causada pelos livros digitais, ainda há um grande número de pessoas que acreditam que os livros impressos jamais serão extintos, como é o caso do editor Luiz Erthal. “Mesmo nos Estados Unidos, onde os *ebooks* explodiram, a curva de crescimento das vendas dos livros eletrônicos já estão declinando. O livro é um produto muito diferente, que exige uma dedicação exclusiva. Ninguém lê um livro dirigindo ou tomando banho. Além disso, o suporte em papel é inigualável em termos de boa legibilidade”, diz □



IRIS FIGUEIREDO

**Sobre:** A produtora editorial, de 22 anos, começou a sua história com a literatura antes mesmo de nascer, quando recebeu seu primeiro livro ainda na barriga de sua mãe. Durante a infância, gostava de criar histórias em quadrinhos, já que também adora desenhar. Vascaína e carioca da clara – como ela diz – é viciada em redes sociais. Outra paixão de Iris é viajar.

**Livros Publicados:** “Confissões On-line” e “Dividindo Mel”

**Contato:** Facebook: [facebook.com/autorairisfigueiredo](https://www.facebook.com/autorairisfigueiredo)

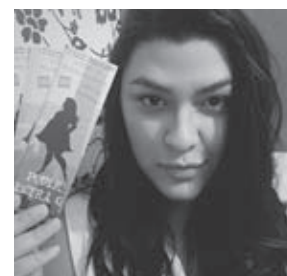


LU PIRAS

**Sobre:** A advogada carioca, de 34 anos, sempre gostou de contar e inventar histórias, transformando pessoas reais em personagens de loucas aventuras. Escreveu seu primeiro romance aos 15 anos, em uma máquina de escrever. Mas seu primeiro livro veio bem depois, quando Lu decidiu não mais fugir da sua vocação. Lu também adora música.

**Livros Publicados:** “Equinócio- a primavera”, “Polaris – o norte”, “Um Herói Para Ela” e “A Última Nota”

**Contato:** Facebook: [facebook.com/lupiras](https://www.facebook.com/lupiras)



THATI MACHADO

**Sobre:** A blogueira, de 24 anos, começou a se interessar pelas livros através do escritor Sidney Sheldon. Tudo graças a vasta coleção possuída por seu pai. Começou a escrever, meio tímida, poemas e versos e desabafos. Mas acabou mergulhando no mundo das *fanfics*. Os ídolos e todos os livros que lia logo a inspiravam. Thati também escreveu peças de teatro para o colégio.

**Livros Publicados:** “Pontes de Cristal” e “Com Outros Olhos”

**Contato:** Facebook: [facebook.com/pontedecristal](https://www.facebook.com/pontedecristal)



*Derrota dos franceses e prisão de Du Clerc*



# A INVASÃO FRANCESA NO BRASIL

*O pirata Jean François Du Clerc  
ataca o Rio de Janeiro, mas é derrotado  
pela população carioca*

CAMILA ARAUJO

No século XVIII, o Rio de Janeiro era o porto por onde escoava a produção de ouro vindo de Minas Gerais para a Europa – uma boa para qualquer corsário. Na busca de prestígios e privilégios diante da corte francesa, Du Clerc decide invadir a pequena colônia portuguesa. Certo de sua vitória, o capitão partiu do porto de Brest, na França, em sete de maio de 1710. O que ele não esperava, no entanto, era que a cidade pudesse ter tantos defensores.





Jean François Du Clerc era um jovem francês ambicioso. Não era exatamente um pirata, mas sim um corsário, como eram chamados os comandantes de navios que tinham autorização e incentivo financeiro do Rei para atacar navios de uma nação inimiga, desde que o butim (riquezas obtidas com o saque das embarcações) fosse para a Coroa. Para ser um corsário, um comandante deveria preencher alguns requisitos como bravura, capacidade de comando e disciplina, vitórias em batalhas etc. Só assim poderia receber a “Carta de Corso”, licença assinada pelo Rei dada ao corsário. Du Clerc preenchia com facilidade esses quesitos e tinha todo o apoio do rei absolutista Luis XIV, de comerciantes e nobres interessados nos tesouros que poderiam ser trazidos.

Antes de chegar à Baía de Guanabara com seis embarcações e cerca de mil tripulantes, Du Clerc foi recebido pelos canhões da fortaleza de Santa Cruz a mando do governador Francisco de Castro Morais, que ficou sabendo da invasão por um pescador em alto-mar e tomou providências às pressas: mandou organizar as fortificações, examinar locais e praias por onde o inimigo pudesse desembarcar e enviou tropas bem armadas e municadas, convocou moradores e negros forros e reuniu estudantes e índios com arcos e flechas das aldeias para auxiliarem na defesa da pequena cidade, cujo centro não ultrapassava a Rua da Vala, atual Uruguaiana.

O comandante então se retirou e seguiu para Angra dos Reis, onde ficou ancorado do dia 27 de agosto até o dia 31. Os corsários aproveitaram para saquear algumas fazendas e engenhos, mas os moradores resistiram e se defenderam, matando seis franceses e deixando vários feridos. No dia 5, cerca de 300 franceses desembarcaram na Ilha da Madeira, na Baía de Sepetiba, onde saquearam

um engenho e não tiveram muitos problemas. Sem desistir de Angra dos Reis, eles ainda continuaram atacando a Vila. Os franceses causaram danos ao Convento de Nossa Senhora do Carmo e bombardearam duramente o antigo Convento de São Bernardino de Sena.

Dali voltaram-se novamente ao foco principal: a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Como a tentativa de desembarcar pela Baía de Guanabara fora frustrada, Du Clerc tentou as praias de Copacabana e Barra da Tijuca, mas foi repelido mais uma vez pelas guarnições instaladas pelo governador Castro Morais. Sem saída, o comandante começava a perder as esperanças e a vislumbrar um retorno fracassado à França.

No entanto, uma última fagulha de fé foi despertada no coração do corsário: quatro negros fugidos lhe deram a dica preciosa de atracar na praia da Barra de Guaratiba, uma praia segura e próxima à cidade. Nesse pequeno porto eles desembarcaram na manhã de 11 de setembro e seguiram em marcha até a cidade do Rio de Janeiro, que naquela época se resumia ao Centro. Ao avistarem os morros em frente à praia de Guaratiba, os franceses pressentiram as dificuldades que enfrentariam. Até chegar ao destino final eram cerca de 40 quilômetros passando por montanhas, vegetação espessa, além do peso dos armamentos.

Dois dias depois, estavam na lagoa da Barra da Tijuca, onde saquearam alguns engenhos. Passaram por Camorim, Jacarepaguá, Engenho Novo e Engenho Velho dos jesuítas (atual Igreja de São Francisco Xavier, na Tijuca), onde descansaram.

Enquanto isso, já na noite de 11 de setembro, o governador Castro Morais ficou sabendo da chegada dos invasores por Joseph Ferreira Barreto, responsável pela defesa de Guaratiba até Santa Cruz. O governador prepa-

Foto: Extratida do livro “Os Franceses no Rio de Janeiro”, de Augusto Tasso Fragoso



Trajeto percorrido pelos franceses



rava um sistema de defesa que incluía uma trincheira do Morro da Conceição ao de Santo Antônio, em frente ao Campo de Nossa Senhora do Rosário. O que aguardava o comandante francês era um contingente bem maior do que seus cerca de mil corsários – no total, 4.830 soldados estavam a postos para a batalha.

O corsário chegou à cidade sem dificuldades, mas ao alcançar o Largo do Carmo teve de enfrentar a reação dos defensores do Rio de Janeiro: além dos soldados, os próprios moradores atacavam os franceses, inclusive pelas janelas dos cortiços e sobrados com panelas de água fervente. Du Clerc fugiu para a Rua Direita (hoje a Rua Primeiro de Março) e lá a batalha foi contra um grupo de estudantes do Colégio dos Jesuítas que defendeu bravamente o Palácio dos Governadores (local agora ocupado pelos prédios dos Correios e do Centro Cultural Banco do Brasil).

Quando parte das tropas que formavam a trincheira do governador chegara à Rua Direita, os combates se intensificaram e os franceses invadiram e ocuparam o Trapiche da cidade (um armazém fortificado com cinco peças de artilharia), fazendo inclusive alguns prisioneiros. Nessa batalha morreu Gregório de Castro Morais, irmão do governador e comandante daquela tropa que lutava contra os franceses na Rua Direita, além de 13 escravos. O Trapiche, então, começou a ser atacado de todos os lados: pela Fortaleza de São Sebastião, pela artilharia da Ilha das Cobras, por dois navios e pelos canhões da praia que existia nas proximidades do Mosteiro de São Bento. Apesar disso, tanto o prédio quanto os franceses resistiam. A tarde caía e nem sinal da rendição do comandante francês.

Cercados por terra e mar e sem perspectiva de vitória, oficiais de Du Clerc acabaram convencendo o corsário à rendição, com a condição de que fossem considerados prisioneiros de guerra, resguardando-os da revolta da população. Ao fim da tarde, o cabo francês De Boiron seguiu com uma bandeira branca ao encontro do governador e de autoridades locais. O acordo foi feito e os invasores se renderam, entregando armas e bandeiras.

O Rio de Janeiro estava livre da invasão francesa. Ainda assim, ocorreram alguns episódios violentos como o caso dos 80 franceses que não sabiam da rendição e foram atacados pela Fortaleza de São Sebastião, na altura da Igreja de Nossa Senhora do Parto (hoje, na Rua Rodrigo Silva).

Du Clerc foi levado para o Colégio dos Jesuítas, de onde foi transferido, alguns meses depois, para a casa do tenente Gomes da Silva, na Rua da Quitanda. Nessa casa foi assassinado por homens que invadiram o seu quarto sem despertar os soldados que faziam sua segurança. Os motivos não se sabem até hoje. As suspeitas são do governador Francisco de Castro Morais, inclusive pelo depoimento da esposa de Du Clerc, algum tempo depois de sua morte. Ainda surgiram hipóteses de um crime passional, provocado por algum marido português ciumento, tendo em vista a fama que o corsário tinha de se insinuar através de cartas às damas da cidade ■



Fotos: Reprodução do Livro "A Invasão Francesa do Brasil"



*Ladeira da Misericórdia, único trecho do morro do Castelo (Nesse morro ficavam o Colégio e a Igreja dos Jesuítas)*



*Igreja de São Salvador do Mundo (Foto de 1986)*



*Antigo Convento do Carmo, atual Universidade Cândido Mendes (foto de 1984)*

Foto: Reprodução Internet



*Antiga Rua Direita (atual 1º de Março) onde ocorreram os principais combates*



## ENTREVISTA

# ANDRÉ LUIS MANSUR

A história da invasão francesa de 1710 descrita nesta reportagem foi publicada com riqueza de detalhes no livro “A Invasão Francesa do Brasil – O corsário Du Clerc ataca o Rio de Janeiro por Guaratiba”. Escrito por André Luis Mansur em parceria com Ronaldo Moraes, o livro apresenta fotos e fatos pouco conhecidos que levam o leitor a imaginar cada cena descrita, como se estivesse em pleno palco da invasão. Nesta entrevista, o jornalista e escritor André Luis Mansur conta um pouco sobre a produção do livro.

**O Prelo** – Você já escreveu sete livros, divididos entre humor, ficção e história. O que leva um jornalista a dedicar seu tempo para escrever um livro?

**André Luis Mansur** – Eu tenho vontade de escrever livros desde a época da faculdade, no início dos anos 90, e sempre fui apaixonado por História. Mas trabalhar em redação e se dedicar aos livros é realmente muito difícil, quase impossível. Daí que no início dos anos 2000 eu resolvi trabalhar apenas como freela, assim teria tempo para produzir meus livros. E é o que tenho feito desde então.

**O Prelo** – Como começou o processo de escrever “A Invasão Francesa do Brasil”? Você queria escrever um livro e buscou um tema ou encontrou um tema e achou que daria um bom livro?

**ALM** – Começamos em 2010 e terminamos no início de 2014, quando lançamos a primeira edição. O tema da invasão de Du Clerc e seus corsários por Barra de Guaratiba eu já havia colocado no meu livro “O Velho Oeste Carioca”, que trata da história da Zona Oeste do Rio. Foi aí que o Ronaldo Moraes, que já pesquisava a invasão há muitos anos, soube do meu livro, comprou e, como eu tinha colocado o e-mail no livro, ele entrou em contato comigo e nos conhecemos pessoalmente. Isso foi em 2009. Como ele tinha muito material pesquisado, nós decidimos produzir o livro. A história é fascinante, por isso resolvemos escrever como se fosse uma ficção, tentando imaginar o que Du Clerc pensava antes da viagem, as apreensões dos corsários invadindo uma terra estranha, tendo que atravessar as montanhas do que seria a Zona Oeste carioca, a expectativa dos defensores da cidade etc.

**O Prelo** – Como surgiu o interes-



se em escrever um assunto tão específico como a invasão de Du Clerc?

**ALM** – No meu caso, foi porque é um dos temas mais fascinantes da História da Zona Oeste carioca. No caso do Ronaldo, foi porque o Du Clerc, por ter perdido a batalha, é praticamente um desconhecido na França, enquanto Duguay-Trouin, outro francês que invadiu o Rio, em 1711, e venceu a batalha, é venerado por lá. Ronaldo sempre quis que a história de Du Clerc fosse mais conhecida. E eu também, mas no meu caso o interesse maior é pela história da Zona Oeste, saber que na praia de Barra de Guaratiba teve início um dos episódios mais dramáticos da História do Rio de Janeiro.

**O Prelo** – Como foi o processo de pesquisa? Foram mais de cem fontes consultadas. Como você chegou a todo esse material e organizou no livro?

**ALM** – A maior parte da pesquisa foi feita pelo Ronaldo, seja através de livros, fontes primárias e também material obtido por ele em institutos de pesquisa na Ilha de Guadalupe,

no Mar do Caribe, onde Du Clerc nasceu. Eu já tinha pesquisado em alguns livros, mas sem dúvida foi o material dele que enriqueceu muito o trabalho. Como era muito material, organizar foi bem difícil. Mas a experiência de jornalista me ajudou bastante e, além disso, o Ronaldo já havia produzido, por conta própria, um livro sobre o tema “Os arquivos da invasão” e foi a partir dali que eu comecei.

**O Prelo** – Qual era sua maior expectativa em relação ao leitor? O que você pretende com esse livro?

**ALM** – Primeiro, mostrar como é rica a história da Zona Oeste da cidade, inclusive disseminando o turismo histórico na região. E depois (e esse é também o desejo do Ronaldo) divulgar a aventura de Du Clerc e torná-la tão conhecida quanto a de Duguay-Trouin, inclusive, quem sabe, com uma tradução em francês para ser publicada na França e em Guadalupe.

**O Prelo** – Como surgiu a parceria literária com o Ronaldo Moraes?

**ALM** – Nós nos conhecemos no Cineclube Moacyr Bastos, no bairro de Campo Grande, onde eu moro e o Ronaldo também. Depois, eu comecei a visitá-lo e fiquei impressionado com a quantidade de material de pesquisa que ele tinha. E como eu pesquiso a História do Rio já há uns 15 anos, decidimos “somar forças” e pensar em temas interessantes. É fundamental ressaltar aqui que o Ronaldo fazia parte de um grupo de pesquisadores amadores que fotografavam tudo o que eles achavam relevante historicamente na cidade nos anos 70 e 80. Quando vi este material, falei para o Ronaldo que tínhamos que transformá-lo em livro. Além do livro da invasão, já lançamos também o “Fragmentos do Rio Antigo”, com artigos sobre a história da cidade em cima das fotos do Ronaldo.

**O Prelo** – Como avaliam o resultado final?

**ALM** – Gostamos muito. Achamos que, apesar da falta de um diário de expedição de Du Clerc, conseguimos recriar, diante dos documentos pesquisados, principalmente as cartas trocadas entre as autoridades, os caminhos seguidos pelos corsários. E as fotos do Ronaldo foram um bom guia iconográfico dentro do livro □





Graffiti da artista Rafa Mon em Botafogo



Mural feito pelos artistas Rafo Castro e Marcelo Eco



Obra de Rena Machado



Mural em homenagem ao cantor Gilberto Gil no Centro



Graffiti do artista Bruno Life, na Rua do Riachuelo, no Centro



Obra do artista Marcelo Ment

# As cores e for

O #StreetArtRio mapeia a arte urbana da

JANAÍNA MEDEIROS

Debaixo do viaduto. Na parede da casa abandonada. Nos muros dos colégios. A tinta, a cor e os traços se misturam ao cinza monocromático da cidade do Rio de Janeiro, criando contrastes e transformando a sobriedade típica das grandes cidades em um espaço para a criatividade dos artistas. Quem passa e admira as obras de arte, que tem como pano de fundo o concreto e o cimento, nem imagina quem são os responsáveis pelas manifestações artísticas. Pensando na problemática da falta de reconhecimento desses artistas surgiu o #StreetArtRio, um projeto que cataloga os locais e artistas da cidade através da colaboração dos próprios cariocas.

A atuação do projeto é simples e

dinâmica. Os colaboradores enviam as fotos pelo Instagram com a marcação #StreetArtRio. A partir daí o trabalho é dividido com os responsáveis pelo projeto. “Nossa principal tarefa é fazer a conexão da obra compartilhada ao autor e locais corretos, quando estes não são cadastrados. De qualquer forma, depois da publicação as pessoas também podem interagir com o site informando autores que não reconhecemos e os locais adequados. Sempre que possível utilizamos tecnologia pra isso, como o sistema de reconhecimento de imagens criado por nós, mas nem sempre ele é eficaz, então uma boa parte é feita manualmente com auxílio dos colaboradores voluntários”, explica o coordenador Marcelo.

A iniciativa surgiu de uma conversa entre os amigos, e fundadores,

Rafo Castro, Miguel Athayde, Joana Palhares e Marcelo. O grupo discutia sobre as obras que coloriam a cidade e questionavam sobre seus autores, suas histórias e peculiaridades. O conhecimento escondido no desconhecido acabava criando uma empatia natural com a obra. O grupo decidiu criar uma forma de espalhar esse significado pela cidade, numa busca de tornar cada vez mais artistas e obras conhecidos pelo público, criando uma relação mais profunda entre quem vê e quem produz. Desde agosto de 2013, quando foi criado, até hoje, o #StreetArtRio já foi responsável por catalogar mais de 12 mil obras e criando incontáveis relações de afeto entre público e obra.

Rafo Castro, artista plástico e um dos idealizadores do projeto, também tem suas obras espalhadas pela cidade





Obra do artista Tomaz Viana, o TOZ

Mural de Jeff Aerosol no Centro da cidade



Painel produzido pelos artistas Nhobi e Cazé

Graffiti do artista e fundador do #StreetArtRio, Rafo Castro

# mas da cidade

*cidade do Rio através da colaboração de usuários*

e avalia que a identificação dos autores é uma forma de enaltecer o trabalho dos artistas urbanos. “O projeto está tendo uma ótima repercussão, o que acaba gerando uma motivação a mais para nós artistas. Além disso, a grande quantidade de obras catalogadas acaba também servindo de inspiração. Ver o trabalho de amigos e a evolução deles acaba dando energia para produzirmos cada vez mais”, afirma.

O também artista Beto Fame começou a pintar ainda na época da escola, em 2013. Hoje, com 26 anos, o grafiteiro também destaca a importância do reconhecimento das obras espalhadas pela cidade e enaltece o trabalho do #StreetArtRio nesse sentido. “O site criou a oportunidade de leigos conhecerem melhor as obras que mais apreciam e descobrir de quem são as mãos por detrás do graffiti”, explica.

Fame, no entanto, acha que o maior ganho foi da população “Eu, particularmente, acho que o projeto atende mais efetivamente o público do que os artistas em si, afinal, quem mais se beneficia com esse mapeamento da arte na cidade são os próprios observadores”, completa.

Nessa onda de mobilização para a confecção do “mapa cultural”, a importância da participação e do engajamento do público foi vital para o crescimento do #StreetArtRio. Alessandra Taceli, formada em produção cultural e grande admiradora dos grafittis que colore a cidade, conheceu a iniciativa durante sua pesquisa de monografia e tornou-se uma usuária assídua. “O mapeamento da arte urbana é essencial para sua valorização na sociedade. Essa curadoria virtual permite o reconhecimento desses artistas e dá

a essas obras, tão importantes para nossa cidade, o status de obra de arte que lhes é de direito”, afirma.

O #StreetArtRio, no entanto, não se limita apenas em abrir espaço para o Graffiti e a cultura ligada ao HipHop. “A arte urbana vai além dessas intervenções, nós nunca recebemos, por exemplo, uma tag sobre o painel de azulejos do Palácio Gustavo Capanema, de Cândido Portinari e muitas outras. Essas intervenções também fazem parte da arte urbana da nossa cidade e nós pretendemos não só incluí-las no roteiro, mas também gerar uma reflexão sobre a arte na nossa cidade”, finaliza Marcelo □

## SERVIÇO

Site: <http://streetartrio.com.br>  
Facebook: [facebook.com/StreetArtRio](https://www.facebook.com/StreetArtRio)  
Instagram: @StreetArtRio



*Comunicação  
impressa e  
sustentabilidade  
andam  
de mãos  
dadas  
na campanha  
Two Sides*

JANAÍNA MEDEIROS

O livro que os pais leem para os filhos recém-nascidos. O primeiro livro de uma criança que aprendeu a ler. As folhas de papel que transportam quem lê para um mundo mágico, com princesas, piratas e bruxas malvadas. Ou então que ensinam novas histórias, remontam um passado real ou levam para o outro lado do mundo. As aventuras, os romances, as poesias capazes de marcar vidas. O folhear à procura do trecho favorito. O cheiro, ainda mais inconfundível, e as lembranças dos mais antigos que há tempos não deixam a

prateleira e mesmo assim não são esquecidos.

Não seria maravilhoso poder conciliar nossas memórias afetivas e a preservação do planeta? Para preservar memórias e árvores, nasceu a campanha Two Sides, um movimento mundial em favor da comunicação impressa presente nos cinco continentes. Coordenado por membros da indústria da comunicação impressa, o grupo busca compartilhar experiências e aprimorar as práticas e padrões, de forma a garantir a confiabilidade do consumidor. A principal bandeira da organização sem fins lucrativos é assegurar-se de que, em um mundo com recursos cada vez mais escassos, a comunicação impressa e a indústria do papel assumam um compromisso com uma produção mais sustentável e responsável, com foco no florestamento e na reciclagem.

Criada em 2012, na Inglaterra, a Two Sides chegou ao Brasil em abril de 2014, através de uma iniciativa do Sindicato das Indústrias Gráficas no Estado de São Paulo (Sindigraf-SP), com apoio da Associação Nacional dos Jornais (ANJ) e da Associação Nacional dos Editores de Revistas (Aner) e adesão de mais de 40 entidades, representando um universo de aproximadamente 80 mil empresas.

O interesse na conscientização e o compromisso com o meio ambiente são as bandeiras que movimentam na iniciativa mundo a fora. Por aqui, como não poderia ser diferente, a Two Sides propõe engajamento e responsabilidade na produção e utilização do papel. A produção de papel é o maior responsável pelo desmatamento de florestas? A indústria do papel produz muito lixo? Inúmeras questões cercam a fabricação e a utilização da comunicação impressa. Algumas imprecisões e equívocos são comuns, especialmente se tratando de uma indústria tão grande e que envolve todo o planeta. Para esclarecer alguns dos enganos mais comuns, listamos a seguir os mitos mais comuns em relação ao papel e, claro, mostramos a verdade por detrás deles. Além disso, há ainda uma entrevista exclusiva com o gerente nacional da campanha no Brasil, Fábio Arruda Mortara.

# O papel CORRETO do papel







Produzir papel sempre destrói as florestas



**As brasileiras possuem mais de 2,2 milhões de hectares de florestas plantadas**



O mito de que a produção de papel acarreta na destruição das florestas é um dos mais discutidos. Para além do senso comum, os números

mostram a falácia escondida por detrás da afirmação. As indústrias brasileiras do setor de celulose e papel possuem mais de 2,2 milhões de hectares de florestas plantadas exclusivamente para a produção, obtendo 100% da matéria-prima através dessas plantações. O setor busca também operar preferencialmente em áreas previamente degradadas, tornando-se responsável pela recuperação da mata nativa, em paralelo com a plantação para fins industriais. Além disso, estudos comprovam que 90% do desmatamento brasileiro são uma decorrência do crescimento de práticas agrícolas insustentáveis.



Somente o papel reciclado deve ser utilizado



**As fibras recicladas se degradam após algumas reutilizações**



É uma verdade incontestável que a reciclagem é de extrema importância para a preservação da natureza e conservação do meio ambiente. No entanto,

quando tratamos da reciclagem do papel, é preciso olhar mais de perto para se ter uma visão mais específica sobre o assunto. O ciclo do papel depende da utilização de novas fibras, obtidas apenas através de novas árvores. As fibras recicladas se degradam após algumas reutilizações, motivo pelo qual existe a necessidade da obtenção da nova matéria-prima, através das florestas gerenciadas, para manter a indústria do papel na ativa. Além disso, devemos ter em mente que, para que exista o papel reciclado, é preciso que haja também, anteriormente, o papel comum.

*A campanha Two Sides Brasil integra o mais abrangente movimento mundial em favor da comunicação impressa. A sustentabilidade e a preocupação com o meio ambiente têm sido a maior preocupação da Two Sides no nosso país e ao redor do mundo. As ações e realizações do grupo no país são temas da entrevista com o gerente nacional da campanha no Brasil, Fabio Arruda Mortara.*

**O Prelo** - O que é a Two Sides e quando foi criada?

**Fabio Arruda Mortara** - A Two Sides é o maior movimento mundial de difusão da sustentabilidade da comunicação impressa. A campanha foi criada em 2012, na Inglaterra, e hoje está presente nos principais países europeus (Alemanha, França, Itália, Portugal, Espanha, Finlândia etc.), além de Canadá, Estados Unidos, Austrália e África do Sul.

**O Prelo** - Quando a campanha foi trazida ao Brasil?

**Fabio Mortara** - O lançamento aconteceu em abril do ano passado e foi articulado pelo Sindicato das Indústrias Gráficas no Estado de São Paulo (Sindigraf-SP), com apoio da Associação Nacional dos Jornais (ANJ) e da Associação Nacional dos Editores de Revistas (Aner) e adesão de mais



Papel é ruim para o meio ambiente



A comunicação impressa e o papel produzem muito lixo



**O papel é obtido através da madeira, um material natural e renovável**



**O Brasil é um grande reciclador de papel, possuindo uma taxa de 45% de reutilização**



A indústria do papel carrega o estigma de “inimiga” do meio ambiente, entretanto, existem inúmeros cuidados e atenção redobrada quando o

assunto é preservação. O papel é obtido através da madeira, um material natural e renovável, que, tratando-se de um produto derivado da madeira, é capaz de conservar o carbono, absorvido pelas árvores, ao longo de toda sua vida útil. Além disso, a indústria possui diversos certificados que comprovam seu engajamento e fornecem padrões globais para o gerenciamento de florestas abrangendo um equilíbrio de aspectos ambientais. No Brasil, mais de 90% das empresas que atuam no segmento já são certificadas, o que corresponde a mais de 3,9 milhões de hectares de florestas certificadas.



Uma das críticas mais comuns em relação ao uso do papel, especialmente em publicações, é a alta produção de lixo. Essa afirmação, ainda mais no caso do Brasil, é

um grande engano. O país é um grande reciclador de papel e produz um volume expressivo de recuperação e reutilização de papel que, mesmo após o descarte, voltam à cadeia de consumo nas mais diversas formas. A taxa de recuperação de papel reciclado sobre o total de papel que entrou no mercado brasileiro foi de 44% em 2010 e vem se mantendo estabilizado nos últimos 10 anos, em torno de 45%. O consumo consciente também é uma preocupação constante. A Two Sides, por exemplo, encoraja a impressão nos dois lados do papel no escritório e esquemas de reciclagem.

de 40 entidades, representando um universo de 80 mil empresas.

**O Prelo** - O que a Two Sides representa para o país?

**Fabio Mortara** - O ingresso do Brasil na campanha foi um avanço para o mercado gráfico, abrindo as portas e as mentes para a criação de uma cultura e de um ambiente amigável ao impresso.

**O Prelo** - Quais são os principais objetivos da campanha?

**Fabio Mortara** - O foco é a difusão de informações confiáveis a respeito da sustentabilidade do papel e da comunicação impressa. Além de desfazer mitos e combater o *greenwashing* - quando empresas preocupadas com a redução de custos recorrem a argumentos supostamente ambientais para cessar o envio de extratos, boletos e outras correspondências de interesse do consumidor.

**O Prelo** - Como a Two Sides divulga seus propósitos?

**Fabio Mortara** - Um recurso é o *book Comunicação Impressa e Papel - Mitos e Fatos*, que traz estudos e pesquisas científicas que desmistificam as dúvidas da população sobre a sustentabilidade do papel. Também representamos o Brasil junto às conferências internacionais de Two Sides e intervimos diretamente, por meio de cartas de alerta e esclarecimento, sempre que identificamos casos de potencial *greenwashing*. No Brasil, temos também um site - [www.twosides.org.br](http://www.twosides.org.br).

**O Prelo** - Quais os mitos mais comuns que já foram desfeitos?

**Fabio Mortara** - Algumas pessoas acreditam, por exemplo, que a produção do papel destrói florestas. É uma ideia falsa. As empresas brasileiras do setor obtêm 100% da celulose utilizada na fabricação do papel de árvores

cultivadas para esse fim - no Brasil, há cerca de 2,2 milhões de hectares de plantações de árvores e nenhuma árvore nativa é cortada para alimentar a indústria papelreira. Outro mito é que a comunicação impressa produz muito lixo, o que não se sustenta tendo em vista que o papel é um dos produtos mais reciclados no mundo.

**O Prelo** - Quais fatores contribuem para a canibalização da mídia impressa pelo eletrônico?

**Fabio Mortara** - Existe uma percepção superficial de que o consumo de informação por meios digitais não tem custos. Mas poucos atentam para o fato de que ela é também menos aprofundada e, muitas vezes, pouco confiável. Não se trata de excluir uma ou outra. O ideal é encontrar um ponto de equilíbrio, em que a rapidez do digital seja complementada pela maior consistência e profundidade do impresso. Além disso, o impresso





Florestas Plantadas são ruins para o Meio Ambiente



**As florestas plantadas contribuem para a recuperação de áreas degradadas**



As florestas plantadas com o objetivo de servir de matéria-prima para a indústria e restabelecer o equilíbrio ambiental também são alvo de críticas infundadas.

Apesar das alegações de que essas florestas agridam o meio ambiente, elas são essenciais para a transição para a economia verde. Atualmente, as florestas plantadas equivalem a aproximadamente 0,2% da superfície territorial do planeta, com cerca de 25 milhões de hectares. Além disso, as florestas plantadas não estão substituindo as naturais, elas contribuem para a recuperação de áreas degradadas, aumentam a eficiência da agricultura, absorvem gases causadores de efeito estufa da atmosfera e armazenam elevada quantidade de carbono e não impactam a produção de alimentos.



A comunicação eletrônica é mais ecológica do que comunicação impressa



**São produzidas quase 50 milhões de toneladas anuais de lixo eletrônico**



“Não use papel”, “Seja Verde” e “Salve as árvores” são frases comuns em uma sociedade cada vez mais preocupada com a preservação do meio ambiente, por isso,

muitas empresas e governos incentivam seus clientes e colaboradores a migrar suas interações comunicacionais para meios eletrônicos. No entanto, é válido lembrar que o papel é feito de madeira, um recurso natural e renovável, tornando o papel e a impressão meios sustentáveis de comunicação. Outro fato que alerta que a troca da comunicação impressa pela eletrônica pode não ser assim tão vantajosa e ecológica é a quantidade de lixo cada vez maior de lixo eletrônico, gerando quase 50 milhões de toneladas anuais, composto por materiais inorgânicos.

não se restringe a livros, revistas e jornais. Há inúmeros outros produtos – embalagens, rótulos, materiais promocionais etc. – que também integram a cadeia do papel e da impressão e são indispensáveis ao dia a dia das pessoas.

**O Prelo** - Em outubro de 2014, a Two Sides Brasil divulgou a pesquisa Opinião sobre a Comunicação Impressa. Quais foram as principais descobertas desse levantamento?

**Fabio Mortara** - A pesquisa teve abrangência nacional e foi realizada pelo Instituto Datafolha com 2.074 pessoas acima de 16 anos, de 135 municípios brasileiros. Com 95% de confiabilidade, ela mostrou que 80% da população consideram a leitura em papel mais agradável do que em tela e também preferem guardar documentos importantes em impresso. Os números comprovaram o que já intuíamos: a

exemplo de outras populações mundiais, o brasileiro também prefere livros, revistas e cartas em papel. A pesquisa deixou claro ainda que a população desconhece a alta porcentagem de papel e de papelão consumidos que são reciclados, o que dá margem aos mitos sobre sua sustentabilidade e deixa brechas para a prática de *greenwashing*.

**O Prelo** - Como tem sido a aceitação da campanha?

**Fabio Mortara** - Muito positiva. Até o final de 2014, a Two Sides Brasil obteve R\$ 1,9 milhão em anúncios espontâneos veiculados por jornais de grande circulação e R\$ 133 mil em anúncios veiculados por revistas. Foram distribuídas 25 mil unidades de material de divulgação, incluindo o livreto *Comunicação Impressa e Papel – Mitos e Fatos*, e já há 40 mil leitores cadastrados para receber a *newsletter* do movimento, que conta com quatro edições produzidas □



Fabio Arruda Mortara, country manager da campanha no país e presidente da Confederação Latino-Americana da Indústria Gráfica (Conlatingraf) e do Sindicato das Indústrias Gráficas no Estado de São Paulo (Sindigraf-SP).



# Coelho Neto A.C.

*O imortal  
Arnaldo Niskier  
conta em artigo  
a relação  
da Academia  
Brasileira de Letras  
com o esporte favorito  
do país: o futebol,  
através da história do  
poeta Coelho Neto*

ARNALDO NISKIER



Arnaldo Niskier é membro da Academia Brasileira de Letras e presidente do conselho de Administração do CIEE

Foi uma sessão extremamente alegre e caracterizada pela fala predominante sobre a vida desportiva de alguns imortais. No dia 6 de maio de 2015, o Acadêmico Marcos Vilaça teve a delicadeza de se referir ao passado de atleta do seu confrade Arnaldo Niskier. Citou suas 56 medalhas, conquistadas como nadador e jogador de basquetebol e futebol, defendendo as cores do América e do Club Municipal. Por este chegou ao título carioca de basquetebol da Segunda Divisão, no ano de 1957.

O tema quase incendiou o plenário. O Acadêmico e poeta Ferreira Gullar saiu da sua tradicional timidez para contar que, jovem ainda, em São Luís, participou de algumas partidas de futebol. Magro e alto, ganhou o apelido de “Periquito”. Foi uma gargalhada geral. Outros imortais lembraram experiências similares e alguns citaram suas paixões clubísticas, o que transformou a sessão numa prova de que a casa de Machado de Assis não despreza o esporte das multidões.

Quando terminou a reunião, veio à luz o fato de que tínhamos esquecido de citar o poeta Coelho Neto, torcedor fanático do Fluminense. Se José Lins do Rego foi lembrado como torcedor apaixonado do Flamengo, por que esquecer o pai do craque Preguinho? Então, me dispus a elaborar uma efeméride para recordar (o que faria na ABL pela segunda vez) quem tinha sido Coelho Neto para o esporte carioca e brasileiro. Além, é

claro, de mencionar os seus méritos de “príncipe dos nossos poetas”.

Coelho Neto, filho de português com índia civilizada, nascido no Maranhão, fez vida literária no Rio de Janeiro. Foi professor de Literatura do Colégio Pedro II. Com grande colaboração na imprensa, deixou 112 obras publicadas e 50 peças teatrais. Alcançou a presidência da ABL. Sua obra foi diversificada, o que contribuiu para a crítica dos invejosos. Escreveu romances, contos, crônicas, teatro, poesia, memórias, conferências, antologias e livros didáticos. Segundo Afrânio Coutinho, na sua apreciada Enciclopédia de Literatura Brasileira, editada pelo MEC, em 1990, “o modernismo condenou-o como representante do passadismo, acusado de afetação, palavreado rebuscado e enfático, abuso de termos incomuns, prolixidade e helenismo”.

Entrou para o quadro social do Fluminense Futebol Clube, do qual se tornou fanático torcedor. Alguns dos seus filhos defenderam as cores do clube tricolor, o mais famoso deles, Preguinho. Num FlaxFlu, em 1912, entrou em campo com a bengala em riste, querendo pegar o juiz, que não concordou com a defesa de uma penalidade máxima por parte do grande goleiro Marcos Carneiro de Mendonça. Se a turma do “deixa disso”, que já existia na época, não tivesse interferido, o nosso Acadêmico teria acabado com o juiz.

A paixão pelo Fluminense era tão grande que foi autor do seu primeiro hino, para comemorar a inauguração da terceira sede. O coração era mesmo tricolor.



# Um turbilhão de livros

Ficaram famosos os livros de contos (*Sertão, Treva e Banzo*), os romances (*Turbilhão, Miragem e Inverno em flor*), as memórias romaneadas (*A capital federal, A conquista, Fogo fátuo e Mano*), e as peças teatrais (*Neve ao sol, A muralha, Quebranto e O dinheiro*), entre outras. O escritor Otávio de Faria fez a defesa do cunho bem brasileiro dos trabalhos de Coelho Neto, considerando-o no “Jornal de Letras” (primeira fase) um digno representante da ficção nacional.

Coelho Neto gostava de abusar de termos raros, merecendo de Guimarães Rosa a classificação de “*amoro pastor da turbamulta das palavras*”. No seu acervo, contabilizam-se em 40 anos cerca de oito mil crônicas, de início fugindo do cotidiano (o que lhe valeu críticas contundentes), mas aos poucos foi dominando o estilo.

Mesmo com a admiração por várias modalidades esportivas, preferia os esportes com contato direto com a natureza, praticados em espaços abertos. Por isso defendia

o futebol, praticado a céu aberto, fonte de energia e regeneração da raça brasileira, deixando para trás nossa herança colonial. Para Coelho Neto, o futebol colocava os interesses pessoais abaixo dos coletivos, controlando os impulsos “naturais” e adestrando o homem através da disciplina, valores cívicos e morais fundamentais para a construção de uma nova nação.



*Preguinho, filho de Coelho Neto, cravou seu nome na história da Seleção Brasileira ao marcar o primeiro gol do Brasil em Copas do Mundo*

## Poder transformador do esporte

Na verdade, Coelho Neto era um aficionado do futebol, sendo responsável pela construção de uma série de valores simbólicos e tradições que associaram o esporte como um espaço de distinção e refinamento. Escreveu sobre o esporte bretão uma série inesquecível de grandes crônicas, o que o levou a uma profunda inimizade com o escritor carioca Lima Barreto. Dado curioso: na época, membro da aristocracia fluminense, Coelho Neto considerava o futebol um esporte nobre e educativo (achava os jogadores heróis e semideuses e adorava a rivalidade das torcidas), enquanto Lima Barreto, autor do clássico *O triste fim de Policarpo Quaresma*, homem do povo, detestava o futebol, por ele considerado “uma regressão à barbárie”.

Ao assistir a jogos do Fluminense com mais de 30 mil pessoas, fez uma relação entre o futebol, uma espécie de festa agonística e as olimpíadas helênicas, verdadeiros certames pela paz, um combate harmonioso capaz de unir a todos em um ideal de revigoramento cívico. Um esporte civilizatório:

*“Acudindo ao reclamo deixam os seus lares sorrindo e ei-los em marcha, ao som de hinos para combate harmonioso, cujo prêmio é uma taça e de prata. E as-*

*sim, pouco a pouco, ir-se-ão estreitando os laços de amizade, travando-se a indissociável aliança não superficialmente, pelo contato das folhas, mas pelo convívio das próprias raízes. Esses sim são os embaixadores do povo, que trazem entusiasmo. Essa centelha que se transmite de alma, fazendo-as vibrar alegres, explodir em aclamações.”*

Sua atuação em favor da atividade esportiva o levou a receber diversas homenagens. Foi sócio e membro honorário de diversos clubes, como o Clube de Regatas Guanabara, Clube de Natação e Regatas, Clube de Regatas Vasco da Gama, Club Internacional de Regatas, Clube de Regatas Boqueirão do Passeio, Clube de Buenos Aires, Palestra Itália Foot-ball Club de São Paulo. Nestes e em outros clubes era tratado como “expoente máximo de nossa cultura esportiva”, “maior conquista do Foot-Ball brasileiro”, constantemente requisitado para participar de eventos em clubes de todas as origens sociais, chegando a ser criado um clube com o seu nome “Coelho Netto A C”. Com tantas homenagens, o escritor tornou-se uma referência para aqueles que defendiam o esporte como forma de regeneração social, “preparando gerações futuras sadias e viris” □



*O acadêmico Ferreira Gullar jogou partidas de futebol na juventude e foi apelidado de “Periquito”*



*O escritor Lima Barreto detestava futebol, e por isso criou inimizade com Coelho Neto*

## Adolf Hitler, o cinéfilo do mal



A charge nazista que retrata a retirada alemã sob os risos dos soldados inimigos. Traduzindo: "Um povo que tenha amor próprio precisa tolerar isso? Durante quatro anos a Alemanha resistiu ao mundo"



Sim, é verdade, Adolf Hitler, ele mesmo, era um cinéfilo. Nos anos anteriores à Segunda Guerra Mundial, o Führer dedicava-se toda a noite a assistir a um filme junto com seus asseclas. Não apenas via como também comentava os filmes, exercendo pobremente a função de crítico classificando-os em três categorias: "Bom", "Ruim" ou "Desligado". Esta última era aplicada a filmes que Hitler não tolerava ver até o final.

As análises, sempre autoritárias, partiam do princípio de os filmes atenderem ou não aos ideais nacional-socialistas preconizados pelo nazismo, o que proporcionava verdadeiros absurdos de avaliação. O liberal 'A Mulher Faz o Homem', de Frank Capra, segundo sua avaliação, era um filme que se enquadrava perfeitamente às teses autoritárias por mostrar uma liderança genuína que nascia de raízes populares para combater os desvios do capitalismo.

Já 'King Kong' e 'Tarzan', este vetado para a exibição pelo nazismo, eram ruins por, reciprocamente, mostrarem uma louca sucumbindo a um animal selvagem e um homem de instintos nobres criados na selva, o que era inadmissível. Atores também eram alvos de suas críticas, como Marlene Dietrich, que pecava por fazer "muitos papéis de prostitutas".

Tudo isso e muito mais pode ser conferido no livro 'A Colaboração', de Ben Urwand editado pela Leya. Historiador australiano, Ben vasculhou arquivos na Alemanha e nos Estados Unidos para mostrar como até 1939 as opiniões dos oficiais nazistas influenciaram decisões em Hollywood. A colaboração do título se refere à submissão dos estúdios às

# C I N

*Dois livros promovem o encontro entre literatura e cinema em dois momentos da história do século XX: a Segunda Guerra Mundial na Alemanha e o Cinema Novo no Brasil.*

RICARDO COTA

críticas de Hitler e de sua burocracia cultural.

A revelação é impactante. Por o mercado alemão ser extremamente lucrativo, os magnatas hollywoodianos esticaram a corda ao máximo para atender exigências estapafúrdias, como promover cortes e até mesmo vetarem na raiz roteiros que poderiam trazer mal-estar aos alemães.

'A Colaboração' chegou a ter proibida sua veiculação nos EUA. Mas o espírito democrático venceu e a pesquisa de inestimável valor chegou às livrarias. Trata-se de uma obra fundamental para mostrar a inviável combinação entre liberdade artística e regimes ditatoriais. O bom é saber que, quando termina a nefasta colaboração, em 1940, a mesma América já abrigava os grandes artistas alemães e judeus que fugiram do Reich e escreveram, aí sim, muitas das melhores páginas do cinema norte-americano.



Acima, os policiais em guarda após o motim nazista contra o filme americano "All Quiet on the Western Front"



# EMA

# &

# L I T E R A T U R A

## Cinema e vida são unha e carne em livro de Cacá Diegues



Vendido como livro de memórias, 'Vida de Cinema — Antes, Durante e Depois do Cinema Novo' é muito mais do que um envolvente relato de um dos mais importantes cineastas brasileiros. Na verdade, 'Vida de Cinema' é um livro imprescindível para quem deseja conhecer a cultura brasileira em suas mais diversas manifestações.

Filho do antropólogo, sociólogo e folclorista alagoano Manuel Diegues, Cacá nunca omitiu em seus filmes uma visão inspirada pelas ciências sociais da realidade brasileira. Desde o curta 'Escola de Samba Alegria de Viver', um dos que compõem 'Cinco Vezes Favela', produção coletiva do Centro Popular de Cultura realizada nos idos da década de 60, os filmes do diretor, antes, durante e depois do Cinema Novo, projetam um Brasil multifacetado, de formação socioeconômica elitista, mas de autenticidade cultural fundada em raízes populares próprias.

Cacá mexeu no caldo do colonialismo em fases diversas da carreira, como em 'Ganga Zumba', 'Xica da Silva' e 'Quilombo'. Registrou o inconformismo contra a segregação do migrante nordestino em 'A Grande Cidade' e vasculhou o Brasil da decadência rural à errática democracia pós-Vargas no épico 'Os Herdeiros'. Seus filmes sempre tiveram profunda relação com a música e alguns deles possuem títulos que se confundem com canções imortais, como 'Joana Francesa', 'Quando o Carnaval Chegar' e 'Bye, bye Brasil'.

Em 'Vida de Cinema', encontram-se, afinadas pelo mesmo diapasão, observações sociais, históricas, políticas e casos pitorescos dignos de entreter os amantes do cinema, como os encontros com Fellini, Rita Hayworth e Bertolucci. Cacá enfrenta polêmicas que atravessaram sua vida com absoluta franqueza e generosidade. Não foge das vozes maledicentes que criticaram seu casamento com Nara Leão, dos detratores do Cinema Novo, do debate sobre as patrulhas ideológicas, a Embrafilme e outros tantos. Tampouco deixa de espalhar ternura e generosidade para seus afetos pessoais. "Penso em Glauber todos os dias", afirma. Sempre sem perder o princípio de uma de suas melhores frases: "A alegria é de esquerda; a tristeza, de direita".



Com a equipe, durante as gravações em Campos, Norte Fluminense, do filme "Ganga Zumba", lançado em 1964



A partir da esquerda: Glauber Rocha, Arnaldo Jabor e Cacá Diegues, grandes nomes do cinema novo



Ricardo Cota é jornalista e crítico de cinema



O quadro de 1905 por Francisco Aureliano de Figueiredo e Melo (1856-1916) registra o último baile realizado pelo Império brasileiro

# E o Império dançou...

*Livro retrata a  
influência da música  
urbana na  
chegada da República*

ANDRÉ DINIZ



Estamos em 9 de novembro de 1889, no palácio da bela Ilha Fiscal, situada na baía de Guanabara, no Rio de Janeiro. O Império dava uma festa pomposa para milhares de convidados. O motivo declarado para tamanho gasto e luxo – mais ou menos 10% do orçamento previsto para a província do Rio de Janeiro – era homenagear os oficiais da Marinha chilena embarcados no cruzador *Almirante Cochrane*, atracado em águas cariocas. Todos os barcos que chegavam à ilha estavam enfeitados com bandeiras do Chile e do Brasil. Ao fundo ouvia-se a Banda do Arsenal de Guerra executando o hino “Chile-Brasil”, feito especialmente para a ocasião pelo maestro Francisco Braga. Curiosamente seria ele o autor, com o poeta Olavo Bilac, do republicaníssimo hino à Bandeira.

Perto de completar 64 anos, o imperador dom Pedro II estava com a saúde debilitada. Chegou ao baile amparado por seu médico, o doutor

Mota Maia. Ao descer do barco, o monarca tropeçou e quase caiu. Sem perder o humor e a distinção da nobreza, olhou à frente e disse: “A monarquia tropeça, mas não cai.” E a pomposa festa tinha também esse objetivo: mostrar que o Império ainda estava de pé, apesar dos tropeços.

Nobres, republicanos, monarquistas, políticos dos Partidos Liberal e Conservador, militares e abolicionistas dançavam felizes no baile ao som das músicas do continente europeu, que aos poucos se misturavam a ritmos africanos e americanos, popularizados no Brasil por flautas, pianos, cavaquinhos e violões dos chorões – músicos que tocavam chorinho em festas de aniversário, casamentos e batizados. Não era preciso ter as mesmas ideias para dançar no mesmo ritmo.

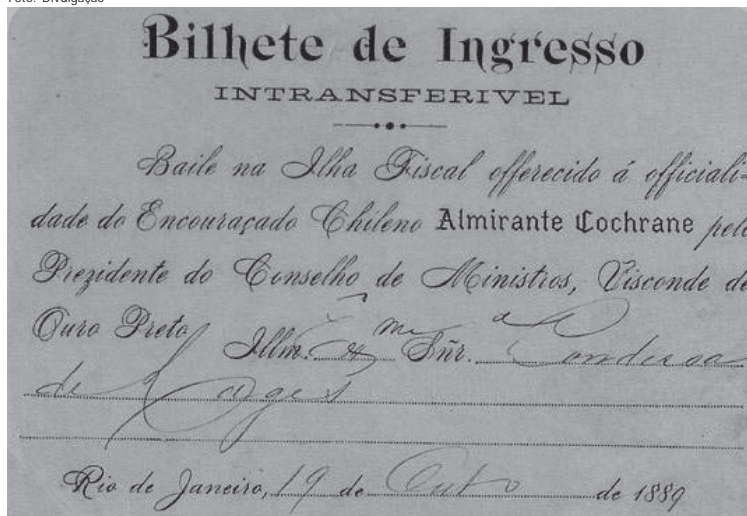
Seis bandas animavam a última festa imperial. A Banda da Polícia, por exemplo, tocava no Largo do Paço, em frente à Ilha Fiscal, exe-



cutando melodias para os barrados na festa. Entre os que ficaram a ver navios estava a filha do militar e professor Benjamin Constant. Bernardina, de tanto insistir com o pai, acabou obrigando-o a alugar um escaler (pequeno barco) para ver o burburinho de perto. Mas a cabeça de Benjamin estava longe, “Quem sabe?”, como uma valsa do maestro Carlos Gomes: “Tão longe, de mim distante, / Onde irá, onde irá teu pensamento?”

Um pouco antes de a festa comer solta, Benjamin conversava com jovens oficiais no Clube Militar, dizendo que o caminho era a República. Mas faltava o carimbo da velha-guarda do Exército. Dias depois do baile, Benjamin e alguns civis foram ao encontro do marechal Deodoro da Fonseca. Deodoro era o elo entre os militares tarimbados e os jovens oficiais, e preferia tomar uma decisão só depois da morte do imperador. Ele nutria uma amizade por dom Pedro II. Se não estivesse com uma forte crise de asma, talvez participasse do baile da Ilha Fiscal. Do passado, o velho marechal ainda carregava a fama de pé de valsa, galante e sensível à natureza feminina. Rodou muitos salões ao som do piano e atrás dos encantos da bela Adelaide, a baronesa do Triunfo, gaúcha que deixou o alagoano furioso quando se viu trocado por seu inimigo político, o senador Gaspar Silveira Martins.

Os convidados curaram a resaca do baile, e nada de a República chegar. Mas no dia 15 de novembro, novos fatos políticos fizeram a monarquia tropeçar e... cair. Boatos sobre a prisão de Benjamin Constant e do próprio marechal Deodoro levaram-nos a se mexer. Acompanhado de colegas de farda, Deodoro rumou para o Campo de Santana, sede do Ministério da Guerra, e depôs o visconde de Ouro Preto da presidência do Conselho de Ministros. O generalíssimo voltou para casa, que ficava pertinho do Campo de Santana, largou a casaca, colocou o pijama e silenciou-se sobre a Proclamação da República.



Para entrar no Baile na Ilha Fiscal, só com a apresentação do ingresso acima

*“Salve lindo pendão da  
esperança! Salve símbolo  
augusto da paz! Tua  
nobre presença, à  
lembração, A grandeza  
da pátria nos traz. Recebe o  
afeto que se encerra  
Em nosso peito juvenil,  
Querido símbolo da terra,  
Da amada terra do Brasil!”*

Hino da Bandeira

Destituído o visconde de Ouro Preto pela manhã, à tarde correu mais um boato na cidade, de que o senador Gaspar Silveira Martins assumiria a presidência do Conselho de Ministros. Foi a gota d’água para Deodoro. A monarquia virara coisa do passado naquela noite de 15 de novembro de 1889. Para comemorar o centenário da “noite 15 reluzente”, a escola de samba Imperatriz Leopoldinense, do Rio de Janeiro, cantou no Sambódromo “Liberdade, Liberdade! Abre as asas sobre nós” ( Niltinho Tristeza, Preto Joia, Vicentinho e Jurandir) – e faturou o caneco.

Com o tempo, algumas das danças de salão tocadas no último baile da monarquia iriam se misturar aos folguedos dos negros. O lundu, por exemplo, saiu do universo das fazendas em direção às cidades, fundiu-se com gêneros europeus e constituiu o ritmo miscigenado pioneiro da canção brasileira. Com roupagem urbana e temáticas variadas, tornou-

–se o lundu-canção, que continha, em alguns casos, letras de duplo sentido, como se pode ver na composição “Isto é bom” (Xisto Bahia), a primeira a ser levada a disco, em 1902: “O inverno é rigoroso, / Bem dizia a minha vó, / Quem dorme junto tem frio, / Quanto mais quem dorme só, / Isto é bom, isto é bom, / Isto é bom que dói.”

No tempo do Império, ouviam-se também modinhas cantadas ao violão nos

salões da corte, nas casas simples e nas ruas. O sistematizador do gênero foi o padre mestiço Caldas Barbosa – filho de funcionário real português e escrava angolana –, autor da coletânea musical Viola de Lereno.

No romance Memórias de um sargento de milícias, de Antônio Manuel de Almeida, o personagem Leonardo, filho de Leonardo Pataca e Maria Hortaliça, antes de ganhar o posto de sargento de milícias, subia o morro da Conceição, no Rio de Janeiro, para ouvir a mulata Vidinha cantar suas modinhas, levando ao desespero o major Vidigal, encarregado de colocar ordem na casa.

Os nobres brasileiros exercitaram, às vezes com bastante êxito, o seu lado musical. Dom Pedro I compunha modinhas, tinha boa voz e foi parceiro de Evaristo da Veiga na composição do hino da Independência: “Brava gente brasileira! / Longe vá temor servil! / Ou ficar a Pátria livre, / Ou morrer pelo Brasil! / Ou ficar a Pátria livre, / Ou morrer pelo Brasil!”

O Brasil foi a última nação independente das Américas a abolir a escravidão. Foi também o país com a maior concentração de cativos do mundo. A escravidão era o marco mais perverso desse Império de privilégios. Por ironia do destino, seriam os negros oriundos da África os “donos” dos principais ritmos da sociedade brasileira produzidos durante o século XX □



André Diniz é doutorando em geografia cultural na UFF e autor de mais de duas dezenas de livros, entre eles, “Noel Rosa, o poeta do samba e da cidade” pela Casa da Palavra.

*Academia  
Brasileira de Letras  
combina modernidade  
e tradição, unindo o  
passado e o presente não  
apenas em sua essência,  
como também em sua  
estrutura*

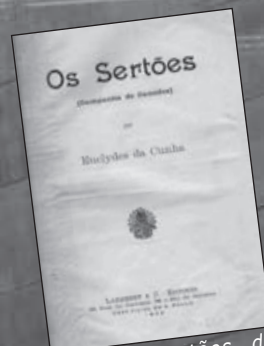
GABRYELLA MENDES E LAURA ALONSO



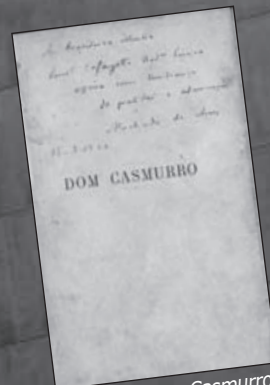
Edição de Os Lusíadas de 1572



Livro de arte poética, datado do século XX



Obra Os Sertões, de Euclides da Cunha



O clássico Dom Casmurro, com a dedicatória de Machado de Assis

# A Biblioteca dos Imortais



A construção do século XIX que abriga a Academia Brasileira de Letras (ABL) impressiona quem passa pela Avenida Presidente Wilson. A beleza do moderno Palácio Austregésilo de Athayde se mistura à réplica do tradicional Petit Trianon de Versailles – palácio construído na França pelo Rei Luis XV para a sua amante, a Madame de Pompadour. O prédio foi construído em 1922 para servir como pavilhão da França em homenagem ao centenário da independência do Brasil. Apesar da grande diferença arquitetônica, as construções guardam tesouros escondidos entre suas paredes: relíquias e livros que são verdadeiras obras de arte, primeiras edições de clássicos da literatura mundial em contraste com a modernidade e dinamismo de um acervo contemporâneo. A magia do passado e do presente se encontra com o mesmo objetivo: a ascensão cultural.

Em meio à extensa programação cultural da ABL, que conta com exposições, ciclos de conferências, leituras dramatizadas, entre outros, estão duas importantes bibliotecas: A Acadêmica Lúcio de Mendonça e a Rodolfo Garcia. A primeira, apesar de ter sua origem na mesma época da fundação da ABL, quando recebeu a doação do romance *Flor de Sangue*, de Valentim Magalhães, só se tornou oficial em 1905, por proposta de Rodrigo Octávio e sob a presidência de Machado de Assis. Desde então, o espaço segue recebendo doações particulares de acadêmicos, personalidades do mundo literário, cultural e também de bibliófilos – amantes de livros. Entre o seu riquíssimo acervo, encontram-se obras clássicas da literatura mundial dos séculos XVI a XX, destacando-se a primeira edição de *Os Lusíadas*, de 1572, e também um raríssimo exemplar das *Rhythmas*, impresso em Lisboa no ano de 1595, de Luís de Camões. Ao longo dos anos, se adequou as condições ambientais e a reestruturação técnica, introduzindo novas tecnologias e intensificando a informatização do acervo.

Instalada no segundo andar do Petit Trianon, ocupando uma área de 250 metros quadrados, possui três ambientes. Além dos livros, possui um conjunto museológico composto por móveis de época, esculturas e quadros de grandes pintores. A Biblioteca Acadêmica Lúcio de Mendonça tem acesso restrito, atendendo



## *A Biblioteca Lúcio de Mendonça possui um dos mais raros acervos do país, com mais de 20 mil livros*

a pesquisadores e acadêmicos com seus aproximadamente 20 mil livros, que incluem coleções particulares de grandes autores da literatura brasileira, como Machado de Assis, Manuel Bandeira e Olavo Bilac.

Trabalhando no espaço há mais de 40 anos, o bibliotecário Luis Antonio de Souza fala sobre a principal finalidade da biblioteca. “Aqui está o repositório da produção literária dos membros da academia. Estou falando em um total de 289 acadêmicos, incluindo os escritores mais significativos da literatura brasileira, como Castro Alves, Gonçalves Dias e José de Alencar. Possuir um acervo dessa magnitude torna a Biblioteca Acadêmica Lúcio de Mendonça singular. Nosso objetivo é tratar, organizar e preservar não só a memória da literatura brasileira, mas a universal”, diz.

Ao longo de sua existência, o espaço acadêmico viu seu acervo ultrapassar a capacidade de armazenamento, o que impedia o recebimento de doações. Assim, em 1999, durante a presidência do Acadêmico Arnaldo Niskier, decidiu-se criar a segunda biblioteca da Academia Brasileira de Letras, a Rodolfo Garcia, nome sugerido pelo acadêmico Josué Montello. “Senti que a nossa primeira biblioteca estava com a capacidade saturada. Com o espaço limitado, não seria possível recursos da moderna tecnologia em suas instalações. Mandei esvaziar o segundo andar do Palácio Austregésilo de Athayde, a fim de

conectá-lo com o nosso edifício administrativo. Assim, ganhamos este generoso espaço”, explica Niskier.

### QUEM FOI LÚCIO DE MENDONÇA

Nascido no Estado do Rio de Janeiro no ano de 1854, Lúcio de Mendonça graduou-se pela Faculdade de Direito de São Paulo em 1877. Conheceu Machado de Assis na redação de um jornal republicano em sua cidade natal, dedicando o prefácio de seu primeiro livro, “*Névoas Matutinas*”, ao colega.

Ingressou na vida política em 1878 como vereador de São Gonçalo do Sapucaí, em Minas Gerais, cidade onde residiu durante sua infância e parte da vida adulta. A partir daí, ocupou diversos cargos públicos até ser nomeado para o Supremo Tribunal Federal em 1895.

Publicou diversas obras e, junto a Machado de Assis e Joaquim Nabuco, teve a ideia de fundar a Academia Brasileira de Letras. Foi considerado o “Pai da ABL” e ocupou a cadeira de número 11, cujo patrono é Fagundes Varela.





## Biblioteca Rodolfo Garcia

### Há 10 anos expandindo as fronteiras do conhecimento

Inaugurada em 2005, com o intuito de expandir as fronteiras literárias, a Biblioteca Rodolfo Garcia foi pensada como uma forma de dar continuidade ao crescimento do acervo da Academia. A grande novidade é que agora a população também poderia desfrutar dos 70 mil livros disponíveis na ABL.

Instalada no segundo andar do Palácio Austregésilo de Athayde, o espaço ocupa uma área de 1.300 metros quadrados, sendo dividida em setores de atendimento ao público, técnico-administrativo, guarda do acervo e espaço para exposições e exibições de filmes. Diretor das duas bibliotecas da ABL, o acadêmico Alberto da Costa e Silva fala sobre o futuro do espaço. “Nosso objetivo é estar em constante crescimento. Estamos terminando um estudo para reformar um prédio que a ABL possui na Rua Luiz de Camões, onde

será um grande depósito da biblioteca da Academia. Isso permitirá que nós continuemos a receber doações, ampliando cada vez mais o nosso acervo. Se você precisar de um dicionário turco ou chinês, nós temos. Por isso temos um cuidado especial com todos os livros. Cada obra recebe tratamento de limpeza e dedetização para impedir a contaminação e preservar nosso acervo. Procuramos proporcionar um atendimento de referência.”

Considerada uma das mais modernas bibliotecas do Estado do Rio de Janeiro, a Rodolfo Garcia não oferece apenas consulta a material bibliográfico impresso, mas também acesso a materiais eletrônicos e digitais, internet, impressão ou gravação de pesquisas e empréstimo domiciliar. Ainda possui a modalidade de atendimento à distância, reproduzindo capítulos de livros e artigos de periódicos através de solicitação por e-mail. “O espaço recebe em média 85 consulentes diários, especialmente ‘brazilianistas’. Eles pesquisam temas do seu interesse e se utilizam dos nossos modernos computadores para avançar nos seus estudos. Também existe em nossas instalações uma seção de restauro de livros muito apreciado por aqueles que desejam recuperar obras preciosas que se encontram em mau estado de conservação”, completa Niskier.

O espaço também se diferencia por possibilitar que os usuários utilizem material próprio. O advogado



*Alberto da Costa e Silva, diretor das bibliotecas da ABL*



*A fundação da BRG aconteceu durante a presidência do imortal Arnaldo Niskier*

Fábio Carvalho intensifica as visitas em épocas de estudo para concursos. “Aqui é o lugar onde eu consigo me concentrar. É muito silencioso, nem parece que estamos no Centro do Rio de Janeiro. Sou motivado pela estrutura e pelo bom atendimento. Posso trazer meu material e também utilizar a internet ou os livros da biblioteca. Sem contar que há uma área wifi, o que é muito legal”, conta □

#### SERVIÇO

Biblioteca Rodolfo Garcia  
Endereço: Avenida Presidente Wilson, 231, Castelo – RJ  
Telefone: 21- 3974-2550  
E-mail: [brg.referencia@academia.org.br](mailto:brg.referencia@academia.org.br)





# EduPark

UMA EXPERIÊNCIA  
EDUCACIONAL COMPLETA

Níveis Fundamental II e  
Ensino Médio

O **EduPark** é um parque temático educativo que se utiliza de tecnologias avançadas e uma plataforma multissensorial para propósitos educativos.

## 2 PACOTES TEMÁTICOS



*Está na hora de ver e tratar o planeta como a nossa própria casa.* Em nossa própria casa, é claro que os recursos naturais são limitados e que a sua utilização deve ser cuidadosamente gerida. Nós temos que pensar em nosso planeta como nossa casa! **Planeta Casa** conecta questões globais com questões pessoais, e vice-versa – o que a camada de ozônio tem a ver comigo? Por que meus hábitos de reciclagem e transporte fazem a diferença? Como podemos aprender a produzir e usar energia com mais eficiência? **Planeta Casa** é programa, ao mesmo tempo divertido, educativo e revelador.

Cada programa é composto de até cinco experiências multissensoriais e dura 1h30min.



3D Inspiração Interativa Musical Movimento

## Dependentes da VIDA

**Dependentes da Vida** é um programa desenvolvido para promover a prevenção de abuso de substâncias. Ele lida com as diversas decisões e problemas que os alunos enfrentam todos os dias, oferece soluções alternativas e, o mais importante, revela os fatos de forma honesta. Pela primeira vez, o ato de educar contra o abuso de substâncias utiliza um método divertido, legal e da última moda, num tom vívido e amigável que ajudará a quebrar o antagonismo e indiferença e potencializará o aluno por meio do conhecimento, não de ameaças.



**Para agendamento, entre em contato com:**

Instituto  
**Antares**

Rua Visconde de Pirajá, 142 gr. 1201  
Telefone: 21 2523-2064  
eduparkrio@gmail.com

FUNDAÇÃO  
CESGRANRIO

Life Changing  
Experiences



# O ESTADO DO RIO ESTÁ DESCOBRINDO QUE LER É O MAIOR BARATO.

Mais de 2.500.000 de finais felizes.  
O projeto Mais Leitura segue  
oferecendo cultura por um preço  
que todo mundo pode pagar.

Acompanhe a programação em  
[www.facebook.com/projetomaisleitura](http://www.facebook.com/projetomaisleitura)  
e saiba quando o projeto estará perto de você.



artplan

